

MICRO COLEÇÃO DE POEMAS SINALIZADOS TOCANTINENSES: CORPUS, PRODUÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIA*

MICRO COLLECTION OF TOCANTINENSES SIGNED POEMS: CORPUS, PRODUCTION AND LITERARY CRITICISM

Thainã Miranda Oliveira 1
Marília Fátima de Oliveira 2

Professora de Literatura Surda, na graduação em Letras-Libras, 1
Universidade Federal do Tocantins. Mestranda em Estudos Literários,
Programa de Pós-Graduação em Letras, mesma instituição. E-mail: miranda.
libras@gmail.com

Professora de Literatura Inglesa, graduação em Letras, na 2
Universidade Federal do Tocantins. Doutora e Mestre em Letras, Universidade
de São Paulo. Pesquisa John Maxwell Coetzee; Literaturas (pós) coloniais e
não canônicas de Língua Portuguesa e Inglesa; Literaturas Africanas de Língua
Portuguesa; Literaturas Africanas de Língua Inglesa; Trauma e Violência nas
literaturas não canônicas; Literatura Sinalizada.
E-mail: mariliaoliveira@uft.edu.br

Resumo: Este artigo pretende investigar a produção e o registro de manifestações literárias da comunidade surda no contexto do Letras-Libras, na Universidade Federal do Tocantins. Para tanto, reflete sobre a documentação e o registro de criações literárias sinalizadas (QUADROS, 2016), (SUTTON-SPENCE e MACHADO, 2018); a relação entre o ensino de língua e literatura (SUTTON-SPENCE, 2014) e, ainda, propõe uma análise crítica literária (SILVEIRA e KARNOPP, 2014), (SUTTON-SPENCE e QUADROS, 2006). A metodologia para coleta dos poemas envolveu atividades práticas na disciplina de Libras I, no segundo semestre de 2016 e uma triagem, para a compilação da micro coleção. Dessa forma, espera-se conhecer e discutir diferentes possibilidades teóricas e críticas sobre a Literatura Surda.

Palavras-chave: Libras. Literatura Surda. Registro. Coleção Poética. Crítica Literária.

Abstract: This article intends to investigate the production and registration of literary manifestations of the deaf community in the context of Letras-Libras, Universidade Federal do Tocantins. Therefore, it reflects on the documentation and registration of signed literary creations (QUADROS, 2016), (SUTTON-SPENCE and MACHADO, 2018); the relationship between language and literature teaching (SUTTON-SPENCE, 2014) and proposes a critical literary analysis (SILVEIRA and KARNOPP, 2014), (SUTTON-SPENCE and QUADROS, 2006). The methodology for collecting the poems involved practical activities in the discipline of Libras I in the second half of 2016 and a screening for compilation of the micro collection. In this way, it is expected to know and discuss different theoretical and critical possibilities about the Deaf Literature.

Keywords: Libras. Deaf Literature. Registration. Poetic Collection. Literary Criticism.

* Este artigo é uma síntese da dissertação, *Poesia Surda: Caminhos para uma teorização*, que a primeira autora desenvolve no Programa de Pós-Graduação em Letras, UFT, Campus Porto Nacional. O interesse pela pesquisa, bem como a formação do corpus, *Micro Coleção de Poemas Sinalizados Tocantinenses*, envolvem interações didáticas, literárias e sociais com a comunidade surda presente no Letras-Libras. Nesse sentido, gostaríamos de agradecer os discentes Amoriana Borges de Araújo, Gabriel Ribeiro Soares, Jefferson Brandão Feitosa, Layson Denis de Araújo Sena, Lelma Nunes Silva Barbosa, Paulo Cezar Ferreira Guimarães, Thiago Silva Ramos e Tully da Silva Braga por gentilmente permitirem utilizarmos os vídeos de seus poemas: Ver a micro coleção: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLWsQmldS3seB7Hmr4C5NToep8Fy9xVAgF>

Introdução

A comunidade surda brasileira tem se organizado há mais de três décadas, em movimentos políticos, linguísticos e acadêmicos para valorização da língua de sinais e da cultura surda. Entre suas conquistas destaca-se a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), com a oficialização da Língua Brasileira de Sinais, Libras, e sua posterior regulamentação com Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005). O Decreto possibilitou a educação bilíngue, a acessibilidade comunicativa em várias instâncias sociais, a inserção da disciplina de Libras nos cursos de formação superior, a criação da graduação em Letras-Libras para surdos e ouvintes, entre outros avanços.

A noção de cultura surda, defendida por Strobel (2008, p. 24), como o “jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas [...] e das comunidades surdas”, casa com a definição de cultura de Hall. Para ele, a cultura é central não porque ocupa um centro, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos (HALL, 1997, apud KARNOPP e KLEIN, 2016).

Desse modo, a cultura surda e suas formas de manifestações artísticas, literatura, teatro, pintura, escultura, desenhos, entre outros, foi grandemente impulsionada pela legislação da Libras. Segundo Karnopp (2008, p. 3), “enquanto a Libras não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas, também não existiam publicações ou o reconhecimento de uma cultura surda ou de uma literatura surda”. Tal situação reafirma a perspectiva de trabalho, na qual, a prática literária vincula-se à presença da língua e vice-versa.

Portanto, entendemos a Literatura Surda como lugar de empoderamento e reconhecimento cultural, visto que as manifestações culturais surdas podem relevar determinadas marcas de afirmação e valorização social. Sobre o empoderamento das pessoas através da literatura Sutton-Spence e Quadros comentam:

Mesmo o prazer e o entretenimento proporcionados pela poesia podem ser vistos como um tipo de fortalecimento para essa comunidade linguística. Esse empoderamento pode ocorrer simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração. (SUTTON-SPENCE e QUADROS, 2006, p.115).

Nesse contexto de valorização linguística e na tentativa de reduzir o status social de risco¹ da Libras, destacamos algumas documentações e registros da língua, como: a TV INES²; o Dicionário Trilíngue Capovilla; os materiais didáticos criados pelos Centro Estaduais de Apoio a Surdez, CAS³; as publicações da Editora Arara Azul⁴ e o Inventário Nacional da Libras⁵. Em relação as manifestações culturais- artísticas, a elaboração de coleções, antologias e curadorias ainda apresenta desafios. Ressaltamos a recente tese publicada em Libras intitulada *Antologia Poética da Libras*⁶, sob responsabilidade da professora surda Fernanda Machado. Tal pesquisa também integra a segunda frente de trabalho do Inventário Nacional de Libras (QUADROS, 2016, p. 162)

O corpus aqui apresentado para análise é resultado de uma atividade proposta na disciplina de Libras I, na graduação de Letras-Libras, da Universidade Federal do Tocantins, UFT, no segundo semestre de 2016. Entretanto, essa *Micro Coleção de Poemas Sinalizados Tocantinenses* não objetiva se nomear antologia, pois, para tal, ainda são necessários estudos mais aprofundados. No momento, ela se insere entre os primeiros registros de produções literárias da comunidade surda tocantinense no âmbito do Letras-Libras/UFT. Assim, além de contribuir para dar visibilidade à produção artística literária em língua de sinais produzidas por alunos da Universidade Federal do Tocantins, pensamos em sistematizar as análises dessas produções literárias, frutos das relações

1 Ver sobre o estatuto de risco em Leite e Quadro, 2014.

2 Canal televisivo em Libras, <http://tvines.ines.gov.br/>

3 Blog do CAS Goiânia/GO, <https://casgoiania.blogspot.com.br/>

4 Editora Arara Azul, <http://editora-arara-azul.com.br/site/>

5 Inventário Nacional de Libras, <http://corpuslibras.ufsc.br/>

6 Antologia Poética da Libras, Fernanda Araújo Machado, [https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/antologia-poetica/?v=videos/00\\$Capa.mp4](https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/antologia-poetica/?v=videos/00$Capa.mp4)

linguísticas-culturais e refletir sobre o registro de criações literárias sinalizadas, a conexão entre o ensino de língua e literatura, assim como possíveis frentes para as produções e as críticas literárias.

O Contexto Histórico da Literatura Surda e seus Registros

As diferentes representações culturais produzidas por surdos (esculturas, pinturas, história em quadrinhos, desenhos, performances, peças teatrais, filmes de curta e longa metragem, seriados, piadas, narrativas, poemas, competições de rimas, festivais, literaturas visuais, dentre outras) permitiram que as manifestações artísticas surdas vivenciem maior valorização junto à comunidade surda e maior repercussão entre pessoas ouvintes. Nesse sentido, Karnopp e Silveira (2014, p. 95) defendem que o direito político também significou “uma mudança epistemológica na forma como os surdos eram narrados e tratados: de deficientes auditivos para minoria linguística”.

A partir do reconhecimento da Libras como língua, várias temáticas, como a Literatura Surda, são hoje discutidas à luz da perspectiva da diferença e não da deficiência. As autoras Karnopp e Silveira ainda complementam:

Neste contexto de debates, presenciamos também a valorização de poemas, anedotas, contos e narrativas produzidos em línguas de sinais. Neste sentido, a literatura surda começa a ser um tema investigado, descrito e analisado favorecendo a visibilidade das produções artístico-literárias em Libras, por exemplo, de narrativas e poemas sinalizados – disponibilizados em vídeos ou impressos – e que apresentam modos de ser surdo e marcas da cultura surda (KARNOPP, 2013 apud KARNOPP e SILVEIRA, 2014, p. 95).

Nas literaturas de línguas orais, a chamada tradição oral precedeu os registros escritos. Muitas narrativas, como os contos de fadas, comuns na cultura ouvinte mundial, foram repassadas oralmente de geração em geração. Algumas comunidades ágrafas ainda cultivam essas tradições, como algumas etnias africanas e indianas, onde a oralidade ainda ocupa papel importante na transmissão de suas histórias, tradições e até mesmo na educação das crianças. Paralelamente ao conceito de oralidade, Mourão (2012) denomina o termo sinalidade para os conhecimentos, histórias e outras narrativas compartilhados face a face entre surdos. Histórias contadas e repassadas de mãos em mão, de geração em geração. Interessante destacar que a Literatura Surda surgiu primeiramente em situações informais de sinalidade. Mourão (2012, p.1) ainda relata que ela “surgiu em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, principalmente onde havia escolas de surdos”.

Outra possibilidade de registro das manifestações literárias surdas explora a língua escrita, seja pela escrita de sinais ou pela língua portuguesa. Alguns livros impressos, destinados ao público infantil, envolvem ilustrações, textos em português, traduções para a escrita de sinais e DVDs com a história sinalizada, tais como *As luvas mágicas do Papai Noel*, *A Arca de Noé*, *O Feijãozinho Surdo*, dentre outras. Muitos artistas surdos convivem e trabalham com pessoas ouvintes, coexistindo em ambientes que, do ponto de vista do surdo, são no mínimo bilíngues. Dessa forma, suas produções carregam as marcas e traços dessa convivência multicultural e bilíngue. Conforme postulado por Karnopp, “A experiência de viver em contato com duas ou mais línguas pode possibilitar o movimento das pessoas em universos linguísticos diferentes” (KARNOPP, 2008, p. 6). Portanto, não há que se estranhar a existência de produções bilíngues as temáticas ligadas à cultura surda não são desprezadas.

Além do aspecto político-social de reconhecimento da Libras e da cultura surda, outra influência na produção, registro e estudo da Literatura Surda relaciona-se aos avanços tecnológicos de captação de imagens e vídeos. Recursos e plataformas digitais que vinculam imagens e vídeos, VHS, CDs, DVDs e, agora, as várias redes na internet, como YouTube, Facebook e Vimeo. Embora a produção de Literatura Surda, como em todas as línguas, tenha nascido junto com o surgimento da língua, atualmente se aceita a afirmação da pesquisadora Karnopp (2008, p. 2), que nomeia essas produções, após o surgimento da tecnologia, como “literatura surda contemporânea”. No entanto é importante ressaltar que embora as novas mídias tenham dado maior visibilidade à Literatura

Surda colocando-a em um novo patamar, é dada como certa a existência de manifestações artísticas anteriormente ao registro visual, ou impresso.

Atualmente, as três estratégias de produções discorridas – sinalidade, livros impressos e vídeos - são consideradas manifestações literárias complementares e não excludentes. O formato da criação literária se mostra flexível e o artista surdo pode explorar livros digitais com sinalizações das histórias, por exemplo. Contudo, pela modalidade visual-espacial das línguas de sinais, percebe-se uma preferência por produções visuais digitais e muitos vídeos livres são postados aleatoriamente em sites e plataformas, como YouTube e Vimeo.

Sutton-Spence e Machado comentam problemas oriundos dessa variedade de poemas encontrados livremente na internet: “[...] há pouca indicação da qualidade do trabalho ou se é valorizado pela comunidade surda e não há orientação sobre como esses poemas podem funcionar juntos para representar um corpus que pode ser estudado, ensinado e apreciado” (SUTTON-SPENCE e MACHADO, 2018). Embora concordemos com a dificuldade de se criar uma antologia à partir dessas produções independentes, não se pode esquecer seu valor social. Antes vistos como “deficientes”, esses artistas hoje dão livre expressão à sua condição e à sua arte, criando um espaço para o surgimento de outros artistas mais preocupados com a estética, ou antes, de unir estética e conteúdo.

Não podemos nos esquecer dos poemas surgidos nos “homelands” da África do Sul, nos bairros de Soweto e outros tantos. Pobres esteticamente, foram de fundamental importância para dar voz aos povos marginalizados. Acreditamos que as produções livres veiculadas nas mídias sociais tem seu valor social, como o tiveram os poetas de Soweto. Reconhecer o valor social dessas manifestações, não reduz a necessidade de se registrar, filtrar e agrupar determinadas criações esteticamente mais elaboradas, criando as coleções poéticas sinalizadas que poderão servir de guia e norte para os que se iniciam na prática da produção literária e poética sinalizada.

Nas literaturas de línguas orais se aceita, tradicionalmente, a organização de antologias, porém, as antologias em literaturas de línguas de sinais ainda são poucas. As discussões sobre sua criação, ou critérios teóricos sobre o que é um poema em língua de sinais, ou a imposição de um cânone, ou o processo de registro ainda não são consenso. Nesse sentido, adotam-se as definições estabelecidas pelas autoras, nas quais, antologias são “uma coleção de escritos conectados ou inter-relacionados que se centram em torno de um tópico” e “[...] geralmente apresentam textos de vários autores e frequentemente incluem comentários adicionais do editor”. (DI LEO, 2004,p.3 apud SUTTON-SPENCE e MACHADO, 2018).

Assim sendo, os poemas organizados nesse corpus não se enquadram como antologia, pois não se objetiva comentários adicionais, nem envolvem uma única temática. Para isso, outros estudos mais aprofundados seriam necessários. Apesar disso, um ponto comum entre as antologias e coleções sinalizadas envolve o ensino de Literatura Surda em nível universitário, uma demanda presente, principalmente, nas graduações de Letras-Libras. Sutton-Spence e Machado (2018) também explicam sobre demanda na educação básica, “atualmente poucas escolas dos surdos ensinam literatura em línguas de sinais, as que ensinam também precisam de antologias como recursos.” Mesmo ao concordar com as autoras, gostaríamos de salientar a importância de também ensinar a produzir literatura – objetivo do exercício proposto em sala e corpus desse trabalho. Nossos jovens poetas devem antes de tudo – como em todo grupo social que pode finalmente ser ouvido – sinalizar literariamente e poeticamente. Caberão a nós, acadêmicos estudiosos de literatura, guiá-los quanto às questões estéticas e suas nomeações, ainda em curso nesse campo ainda tão pouco explorado.

Mini Coleção de Poemas Sinalizados Tocantinenses

A disciplina de Língua Brasileira de Sinais I, ministrada por uma das autoras no segundo semestre de 2016, insere-se no segundo período da graduação em Letras-Libras. Conforme Projeto Pedagógico do Curso, o contexto inicial de aprendizado de língua estabelece, em sua ementa, o conteúdo: “[...] uso dos parâmetros da Libras: configurações de mão, movimento, ponto de articulação, orientação da mão e direção da mão” (UFT, 2014, p.42). Nesse sentido, e levando em conta a “importante conexão entre literatura, língua, aprendizagem de língua e o aprendiz de língua” (SUTTON- SPENCE, 2014, p.113), selecionamos uma metodologia que relacionasse o aprendizado

desses aspectos linguísticos com a produção literária de poemas curtos em língua de sinais.

Por se tratar de um conteúdo relativamente conhecido entre os discentes surdos e ouvintes, primeiramente revisou-se de forma expositiva o processo histórico de teorização. Os pesquisadores americanos Stokoe, em 1960 e Battison, em 1974, investigaram a Língua de Sinais Americana, ASL, frente as línguas orais e sistematizaram unidades mínimas. Assim, estabeleceram-se os cinco parâmetros correntes, citados anteriormente (GESSER, 2009). Sobre os parâmetros na Libras, recorreu-se as pesquisas de Ferreira Brito, em 1990, com foco para as configurações de mão (FERREIRA-BRITO, 1995).

Em seguida, a produção Arrumar, Passear...⁷ disponível em domínio público no Youtube, motivou a realização de uma atividade descritiva. Nessa composição poética, as configurações de mão do alfabeto manual da Libras são sequencialmente exploradas e sinais com as letras de A a Z podem ser percebidos. Nesse sentido, foi solicitada aos discentes a descrição fonética de 15 sinais selecionados do vídeo ou escolhidos aleatoriamente. Ao fragmentar o sinal refletiu-se sobre cada parâmetro em isolado e as várias possibilidades de enumeração. Discutiu-se, de forma breve, sobre a classificação em escrita de sinais e limitações consequentes da não padronização.

Após o trabalho com as descrições dos parâmetros focou-se na produção de poemas, cuja configuração de mão fosse o elemento estético de relevância, isto é, produções em Libras em que as configurações de mão sejam literariamente marcantes. Para tanto, algumas produções contemporâneas em Língua de Sinais Britânica, BSL, denominadas Haikus e outras produções brasileiras, Histórias ABC, ou Poemas ABC, com o alfabeto manual da Libras foram fonte de modelo e inspiração. Se faz necessário esclarecer que os Haikus selecionados compõem uma Antologia Poética recolhida por Sutton-Spence e estão disponíveis para domínio público no Youtube⁸.

Nesse contexto, foi acordada a criação de poemas curtos com configurações de mão relativas ao alfabeto manual, ou às vogais, aos números, ou Haikus. Não se objetivava, na época, a criação de uma micro coleção, assim, focou-se na qualidade e criatividade literária e não em aspectos visuais relacionados ao registro dos vídeos. Algumas das produções são informais e capturadas a partir de aparelhos celulares em ambientes familiares ou na própria sala de aula. Todas as produções foram avaliadas em conjunto pelos alunos envolvidos, sendo que para algumas produções sugeriu-se alteração e regravação total, enquanto para outras foi solicitado apenas a mudança de determinados sinais. As alterações, sejam mínimas, visaram tornar as criações mais ritmadas, ou mais provocativas, ou seja, esteticamente mais poéticas.

Para a elaboração dessa micro coletânea foram utilizados os vídeos como foram gravados originalmente, porém, num futuro trabalho pretendemos realizar novo registro com atenção aos aspectos mais formais. Dos sete poemas que compõem esse corpus, cinco são produções de discentes surdos e dois de ouvintes; cinco são Haikus com até três configurações de mão, dois utilizam o alfabeto manual, sendo Poemas ABC. No próximo item selecionamos algumas poesias para análise cultural, linguística e literária, assim como discorrer sobre algumas diferenciações entre os dois diferentes estilos de poemas.

Crítica Literária sobre Poesias Sinalizadas

Os poemas sinalizados, assim como os demais gêneros da Literatura Surda, também se apresentam como manifestações de resistência e valorização da cultura surda e da língua de sinais. Eles acompanham a Literatura Surda em relação ao curto repertório, recente tradição e a ausência de uma definição integralmente completa. Peters (2000 apud SUTTON-SPENCE E MACHADO, 2018) “argumentou de forma convincente que a língua de sinais criativa é multifuncional e multidimensional e assim os gêneros literários baseados na literatura escrita não são adequados para categorizar as obras artísticas”.

Embora concordemos com o posicionamento de Peters, não podemos nos esquecer de que as produções em Libras são narrativas e, como tais, sujeitas à algumas das categorias de gênero. Uma peça teatral em Libras ainda será um drama. Um poema em Libras ainda será um poema. Obviamente que, ao analisarmos e escrevermos uma crítica sobre tais produções, as categorias ou elementos estéticos deverão obedecer a outros critérios. A característica multifuncional e

⁷ Arrumar, Passear... <https://www.youtube.com/watch?v=uciVF5oMqkc>

⁸ Antologia Poética em BSL https://www.youtube.com/channel/UCFO_GnnCDuaWlbigObj3S_w

multidimensional da produção em Libras não retira dela sua narratividade, tampouco a insere em um mundo aparte dos gêneros narrativos já existentes.

Atualmente, para se iniciar as discussões críticas sobre essas manifestações literárias, ainda sem profundas teorizações, os aspectos culturais passam a ser evidenciados. Artistas surdos e pesquisadores da área, sejam surdos ou ouvintes, selecionam posicionamentos na epistemologia da diferença linguística-cultural. Para Bosse (2014, p. 25-26), a poesia em língua de sinais faz parte do povo surdo, sendo uma “produção cultural voltada para a forma como o surdo expressa sua visão de mundo, seja em relação a si, ao outro surdo, aos ouvintes, à natureza, identificando como ‘uma pessoa visual’”. Destacamos que essa abordagem, mais do campo da sociologia do que da crítica literária propriamente dita, é hoje a mais aceita quando se discute Literatura Surda.

Sobre o aspecto estético da linguagem Sutton-Spence e Quadros (2006, p.112), afirmam que ela se apresenta em primeiro plano diferenciando-se da linguagem utilizada no cotidiano. As autoras também se referem ao conceito “sinal- arte” para denominar uma forma de sinalização intensa. Outro fundamento para estabelecer a linguagem em primeiro plano relaciona-se ao neologismo, ou “sutileza poética”. Ele explora a criação de novos sinais ou termos, para oferecer força visual à sinalização (SUTTON-SPENCE e QUADROS, 2006, p. 147) – recurso também percebido em literaturas de línguas orais. Embora os estudos sobre a definição de “sinal arte”, ou neologismo literário não serem profundos, entendemos tratar-se do sinal fora do uso cotidiano, ou seja, de um sinal que incorpora outros sentidos por meio de modificação, ou modo de produção. Ele pode ser mais lento, mais abrangente, mais rápido, repetitivo, adaptar algum dos parâmetros, como a configuração de mão, e assim modificar ou intensificar o sinal original.

A comparação entre poemas de línguas orais e poemas de língua de sinais também possibilita perceber outros recursos. A partir desse método comparativo, classifica-se sete formas pelas quais os poetas surdos exploram a língua de sinais na perspectiva estética - alguns desses aspectos serão explorados nas críticas:

- Modificação de sinais;
- Variação de sinais;
- Utilização de componentes não-manuais (expressão corporal e facial);
- Uso de classificadores;
- Recorrência a metáforas;
- Interiorização de personagens com suas características;
- Mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações.

(MORGADO, 2011, p. 62 apud SILVEIRA e KARNOPP, 2014, p. 4-5).

Os elementos “modificação de sinais” e “variação de sinais”, ao serem melhor esmiuçados, podem abarcar “um tipo de composição peculiar da literatura surda”, como designam Silveira e Karnopp (2014, p. 5), Histórias ABC e Números. Tais composições baseiam-se nas unidades mínimas das línguas de sinais, os parâmetros, mais especificamente no parâmetro configuração de mão. Desse modo, os poetas surdos, ao produzirem poemas nesse estilo, representam o alfabeto manual ou apenas letras do alfabeto, ou números, ou nomes próprios. Dois poemas integrantes da Micro coleção de poemas sinalizados tocantinenses apresentam essas características. As criações *Sedução* e *Box* exibem configurações de mão, CM, relativas ao alfabeto manual e às vogais do alfabeto manual, respectivamente.

Em *Sedução*⁹, uma das poesias selecionadas para esta análise, a artista movimenta seu corpo lateralmente de forma ritmada e imprime no interlocutor uma sensação musicalizada e dançante. Na “canção” ela discorre sobre jogo de sedução, paixão, desejo e sexo. A percepção dos parâmetros referentes ao alfabeto manual na “modificação dos sinais” demanda um interlocutor atento, pois sua sequencialidade ocorre sutilmente. Além disso, as configurações de mão não são sinalizadas obrigatoriamente com precisão como ocorre na configuração da letra “B”, ela

9 *Sedução* – Micro Coleção, <https://www.youtube.com/watch?v=Y45HYHh88&t=0s&list=PLWsQmldS3seB7Hmr4C5NT0ep8Fy9xVAgF&index=2>

sofre flexibilização nos dedos. Acreditamos serem esses os representantes do “sinal-arte”, pois o modificam, intensificando-o ou transformando seu significado original, como poetas ouvintes que usam sonoridade, ritmo e rima para intensificar o significado do seu poema. Observe o trecho a seguir, em especial, a configuração da letras “B”.

		
CM – Letra “A” Sinal cantar	CM – Letra “B” CL multidão	CM – Letras “C” Sinal brindar
Figura 1 – Sequencialidade nas configurações de mão na poesia Romance		

Os cinco poemas restantes enquadram-se como Haikus. Segundo Kaneko (2008, p. 196), o Haiku, ou Haicai, é um estilo “originário do japonês falado/escrito sendo considerado a menor forma de poesia do mundo”¹⁰. Poetas surdos ingleses interessados nessa curta estrutura adaptaram-na para a Língua de Sinais Britânica, BSL, e, conseqüentemente, influenciaram surdos em outros países. Além da Inglaterra, Japão e Estados Unidos já realizaram competições de Haikus. Nesse sentido, os poetas surdos brasileiros começam a se apropriar do estilo definido como:

Devido à sua natureza concisa, os dispositivos poéticos em haikus sinalizados são organizados de forma eficaz e elaborada, isso fornece observações úteis ao analisar sua poética. [...] O haiku originou-se no Japão medieval. O haiku japonês tradicional consiste em 17 sílabas. O objetivo do haicai é criar o efeito máximo com o mínimo de palavras, e a melhor maneira de conseguir isso é apresentar uma imagem simples e vívida que desencadeie uma vasta imaginação na mente do leitor. Nesse sentido, um bom haiku é análogo a uma boa fotografia. Tópicos de haiku são frequentemente esboços visuais da natureza. (KANEKO, 2008, p. 196).




Dessa forma, todos os Haikus dessa micro coletânea foram criados com apenas três configurações de mão, conforme metodologia da atividade proposta - explicada no item anterior. Entretanto, selecionou-se para análise apenas duas poesias, que melhor exploram o efeito máximo com o mínimo de sinais, o espírito do Haiku. Assim, *Caçada* e *Grande Onda* destacam-se, pois surpreendem o interlocutor ao repetir, alterar, e/ou associar as diferentes configurações de mão entre si.

No primeiro¹¹, uma certa ambigüidade provoca diferentes interpretações das personagens, não está claro qual sujeito caminha, CM 1. Os elementos “interiorização de personagens com suas características” e “mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações”, não estão marcados com precisão. A modalidade visual-espacial das línguas de sinais exige uma estruturação sintática espacial¹². Desta forma, a diferenciação de sujeitos pode ocorrer pelo deslocamento corporal-gramatical dos ombros. Note possíveis interpretações abaixo:

¹⁰ A menos que esteja indicando nas referências bibliográficas, as traduções são autorais.




¹¹ Caçada – Micro Coleção, <https://www.youtube.com/watch?v=6xX7BeZyYK8&index=3&list=PLWsQmldS3seB7Hmr4C5NToep8Fy9xVAgF>

¹² Ver sobre sintaxe da Libras em Quadros e Karnopp, 2004.

		
CM 1 CL caminhar Sujeito 1	Mão direita CM 2 Mão esquerda CM 3 CL lançar pedra (estilingue) Sujeito 2	CM 3 CL pedra atingir rosto Sujeito 1
Figura 2 – Primeira interpretação na poesia Caçada		

		
CM 1 CL caminhar Sujeito 1	Mão direita CM 2 Mão esquerda CM 3 CL lançar pedra (estilingue) Sujeito 1	CM 3 CL pedra atingir rosto Sujeito 2
Figura 3 – Segunda interpretação na poesia Caçada		

No segundo Haiku, *Grande Onda*¹³, os elementos “utilização de componentes não-manuais (expressão corporal e facial)” e “uso de classificadores” abrilhantam toda a produção. O sinal e a configuração de mão referentes a árvore permanecem fixos, mão direita, já as configurações da mão esquerda são associadas as expressões corporais e faciais. Isso proporciona um tom cômico à trágica fuga da onda gigante. Mais uma vez, temos aqui um neologismo, ou sinal-arte: a composição da personagem refugiar-se na copa da árvore, nesse momento, duas configurações de mãos são utilizadas simultaneamente, veja os trechos destacados:

		
	Mão direita CM 1	Mão direita CM 1
CM 1 Sinal árvore Mão esquerda CM 2 Mão direita sinal árvore Mão esquerda sinal onda Mão esquerda CM 3 Mão direita sinal árvore Mão esquerda CL pessoa		
	Expressão de intensidade	Composição sinal-arte
Figura 4 – Configuração e mão e expressões faciais na poesia Grande Onda		

¹³ Grande Onda – Micro Coleção, <https://www.youtube.com/watch?v=MLrH7qjPGsY&list=PLWsQmldS3seB7Hmr4C5NToep8Fy9xVAgF&index=>

Apesar de as autoras Silveira e Karnopp (2014) afirmarem acertadamente ser um desafio criar histórias com configurações de mão, pudemos observar a possibilidade de alunos surdos, no início de seus estudos literários, criarem poemas curtos, sejam eles Poemas ABC, ou Haikus. O prazer dos alunos-poetas em desenvolver os poemas ficou evidente, pois além de estarem valorizando a cultura surda, os poemas aqui compilados expressam sutileza linguística, entrelinhas teóricas, possibilidades de interpretações e riqueza literária como qualquer outra literatura.

Considerações Finais

A Literatura Surda produzida pela comunidade surda brasileira, seja por meio de narrativas, piadas, dramas, ou poesias expressam a cultura de um grupo minoritário e, em algumas situações, oprimido. Assim, essas manifestações culturais- artísticas significam empoderamento e reconhecimento sociocultural. Os artistas surdos podem utilizar-se de formas flexíveis em suas criações, a circulação na sinalidade de mão em mão; ou manifestações bilíngues através de livros impressos e a estratégia mais explorada, a divulgação de vídeos em plataformas digitais, como YouTube e Vimeo.

Esses registros e documentações da Literatura Surda, aos poucos, poderão se organizar em coleções, coletâneas, antologias, miscelâneas e fortalecer diferentes corpus da Libras. É importante ressaltar que registrar a Literatura Surda também significa registrar a língua de sinais e a cultura surda. Desse modo, a micro coleção aqui proposta pretende não só registrar a produção de surdos tocaninenses no contexto do Letras-Libras, demonstrando a capacidade de produção literária dos alunos surdos, mas também sugeri um caminho para que a Literatura Surda seja tratada não só pelo viés do empoderamento e seus aspectos sociológicos, mas também por seus aspectos estéticos-literários. Entendemos ser este um campo muito novo que demanda estudos mais aprofundados tanto em relação à documentação formal, quanto aos aspectos teóricos e críticos literários.

A proposta inicial do exercício com os alunos surgiu no contexto de ensino de língua, em nível inicial e explora as unidades mínimas da Libras. Sobre esse estilo poético, Silveira e Karnopp (2014, p. 5) comentam que “as Histórias ABC são especialmente úteis nas aulas de segunda língua. Para além desse aspecto utilitário e facilitador do ensino da língua, percebemos que o parâmetro configuração de mão se destaca ao ser combinado a distintos elementos como “modificação dos sinais”, “uso dos classificadores”, “expressões faciais” e outros. Tais composições provocam efeitos estéticos que nos provoca o desejo de encontrar caminhos mais próximos da crítica literária do que de aspectos sociológicos.

A crítica literária sobre essas produções sinalizadas tocaninenses ainda nos permitirá explorar e analisar outros elementos, parte da pesquisa em curso. Além da quase ausência de uma terminologia adequada à produção estética em Libras, percebe-se a carência de registros das diversas manifestações como poemas livres, teatros e piadas que circulam entres os discentes e outras comunidades surdas. Incentivar essas pesquisas e registros deve ser a preocupação da academia, em especial dos educadores e acadêmicos ligados aos cursos de Letras-Libras no Brasil.

Referências

BOSSÉ, R. O. H. **Pedagogia Cultural em Poemas de Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

BRASIL, **Decreto 5.626/2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 15 mai 2018.

BRASIL, **Lei 10.436/2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acesso em: 15 mai 2018.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1995.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** - Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais. São Paulo: Parábola. 2009.

KANEKO, Michiko. Symmetry in Sign Language Haiku IN: QUADROS, R. M (ed.). **Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future.** TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brazil, December 2006. (2008) Editora Arara Azul. Petrópolis/RJ. Brazil.

KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. **Humor na literatura surda.** Educar em Revista, Curitiba; Editora UFPR, Edição Especial n. 2/2014, p. 93-109.

KARNOPP, L. B; KLEIN, M. **Narrativas e diferenças em língua brasileira de sinais.** Em Aberto, Brasília, v. 29, n. 95, jan./abr, 2016, p. 95-108.

KARNOPP, L. **Literatura Surda.** Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras- Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LEITE, T. de A; QUADROS, R. M. de. **Línguas de sinais do Brasil:** Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. IN; Estudos da Língua de Sinais. Volume II. Editora Insular, 2014.

MOURÃO, C. H. N. **Adaptação e Tradução em Literatura Surda:** A Produção Cultural Surda em Língua de Sinais. In: IX ANPED SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012, Universidade de Caxias do Sul, RS: Anais... Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul - EDUCS 2012.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R.M. de. **Documentação da Língua Brasileira de Sinais.** In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, 5., 2014, Foz do Iguaçu. Anais... Brasília: IPHAN, 2016. p. 157-173.

SILVEIRA, C. H; KARNOPP, L. B. **Literatura Surda:** Análise Introdutória de Poemas em Libras. Nonada Revista em Letras, Porto Alegre, v. 2, n. 21, 2014.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue? Educar em Revista. Edição Especial. n.2, Curitiba, p. 111-128, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/37018/23114> Acesso em: 08 abr, 2018.

SUTTON-SPENCE, R; MACHADO, F. de A. **Considerações sobre a criação de antologias de poemas em línguas de sinais.** IN. QUADROS, R. M; STUMF, M. R. (orgs.) Estudos de Línguas de Sinais. Florianópolis: Editora Insular, (no prelo).

SUTTON-SPENCE, R; QUADROS, R. **Poesia em língua de sinais:** traços da identidade surda. In: QUADROS, R. (org.) Estudos Surdos I - série pesquisas. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Projeto pedagógico do curso de Letras- Libras.** Colegiado de Letras-Libras, Porto Nacional, 2014. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/snEmZ5wQQ7OxPPeuA6ktZQ> Acesso em 15 maio de 2018.